Revista
FONTES DOCUMENTAIS

DA EUROPA À AMAZÔNIA: TRANSCULTURALIDADE NA OBRA DE NEIDE GONDIM

FROM EUROPE TO THE AMAZON: TRANSCULTURALIY IN NEIDE GONDIM ´S WORKS

DOI: 10.9771/rfd.v7i0.66273

Fernanda Silva dos Santos
Mestranda em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Licenciatura em Letras e Bacharel em Arquivologia, ambas pela UFAM. Orcid: https://orcid.org/0009-0005-3382-9549. E-mail: fernanda.sousa@ufam.edu.br

Gisele Giandoni Wolkoff
Professora associada do Departamento Multidisciplinar do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal Fluminense. Membro permanente do Programa Sociedade e Cultura da Amazônia. Coordenadora do Grupo de Estudos Arte Ásia e vice-líder do Grupo Corpos em Movimento e Transculturalidade. Orcid: https://orcid.org/0001-89625215. E-mail: gwolkoff@id.uff.br

RESUMO

A transculturalidade trata de entrecruzamentos de culturas, sem hierarquização de valores ou super e sobreposição de uma(s) sobre outra(s). Tal conceito leva em conta a hibridização dos povos e das suas manifestações culturais e supera olhares acerca da cultura tradicional, propiciando descobertas mais densas sobre as nossas humanidades e processos humanizadores. Assim, ao elaborarmos sobre o pensamento amazônico, devemos levar em conta o conceito de transculturalidade. O presente texto tem o intuito de refletir sobre esse conceito a partir da obra da pesquisadora Neide Gondim e seus estudos acerca da formação do pensamento social amazônico, que se inicia com os relatos dos primeiros viajantes a navegarem nas águas do rio Amazonas. O texto tratará da influência que as mais importantes navegações tiveram para essa formação. Suas obras evidenciarão exemplos que confirmam a presença da transculturalidade, além de analisar como ocorreu a incorporação dos elementos culturais da Índia, da Grécia e dos países europeus que estiveram na Amazônia, contribuindo para a formação de sua identidade cultural. Para tanto, traremos para a discussão seus dois trabalhos mais significativos, a obra *Simá, Beiradão e Galvez, imperador do Acre* e *A Invenção da Amazônia.*
Palavras-chave: transculturalidade. pensamento social. Amazônia. Neide Gondim.

ABSTRACT

Transculturality deals with the interweaving of cultures, without hierarchizing values or imposing one culture over another. This concept considers the hybridization of peoples and their cultural manifestations, surpassing traditional views on culture and enabling deeper discoveries about our humanities and humanizing processes. Thus, when elaborating on Amazonian thought, we must take the concept of transculturality into account. This text aims to reflect on this concept based on the work of researcher Neide Gondim and her studies on the formation of Amazonian social thought, which begins

with the accounts of the first travelers who navigated the waters of the Amazon River. The text will address the influence that the most significant voyages had on this formation. Gondim's works will highlight examples that confirm the presence of transculturality, as well as analyze how cultural elements from India, Greece, and European countries that were present in the Amazon were incorporated, contributing to the formation of its cultural identity. To this end, we will bring into discussion her two most significant works: *Simá, Beiradão e Galvez, Imperador do Acre* and *A Invenção da Amazônia*.
Keywords: transculturality. social thought. Amazonia. Neide Gondim.

1 INTRODUÇÃO

Neide Gondim fez parte de um grupo de intelectuais que pensou a Amazônia e a formação de seu pensamento social, ao lado de Márcio Souza, Marilene Corrêa da Silva Freitas e Renan de Freitas Pinto, sendo os dois últimos orientandos de Octavio Ianni, assim como Gondim. Esses estudiosos apresentam fortes marcas dessa orientação, pois Ianni foi um sociólogo brasileiro que estudou profundamente o pensamento social do Brasil e fazia parte da Escola Sociológica Paulista que utilizava a Amazônia como ponto de partida para análise do estudo da formação do pensamento social brasileiro. Gondim buscou a desconstrução de estereótipos com o intuito de valorizar os aspectos socioculturais da Amazônia, além de, acima de tudo, identificar as ideias fundadoras dos discursos sobre a Amazônia nos relatos dos cronistas de viagens do século XVI, indicando como ela absorveu os elementos do imaginário colonial europeu sobre si mesma.

Gondim teve uma significativa atuação acadêmica produzindo vários textos publicados, dentre eles, artigos e prefácio de livro, no entanto, podemos destacar suas obras, resultantes de seu mestrado e de seu doutorado, **Simá, Beiradão e Galvez, imperador do Acre** e **A Invenção da Amazônia**, nas quais, por meio da análise de obras literárias, a autora interpreta as ideias dominantes refletidas nos discursos de construção da ideia de Amazônia. Em **Simá, Beiradão e Galvez, imperador do Acre**, ela faz uma viagem histórica desde a chegada dos europeus na Amazônia, além de fazer uma interpretação de cada uma das três obras citadas no título do livro. Já em **A Invenção da Amazônia**, a autora se propôs a fazer um estudo exploratório sobre a influência europeia no imaginário amazônico, na construção de seu pensamento social e cultural a partir dos pensamentos dominantes acerca da Amazônia. Mais adiante retomaremos essas duas obras.

Ao compreendermos a formação do pensamento social amazônico, notamos que ela foi pensada “de fora pra dentro”, sempre determinada por uma produção de conhecimento estrangeiro e, dessa forma, sempre esteve a serviço das necessidades e anseios do europeu colonizador em sua aventura mercantilista. Espanha e Portugal incluíram a América em seus

sistemas econômico, político e social, desprezando sua forma de vida, costumes e crenças do povo nativo da região, pondo em prática o ideal europeu de unidade da espécie humana. Segundo Gondim (1996), "As crenças, os mitos, a organização familiar e o modo de produção dos indígenas foram leiloados em proveito de uma civilização à qual não tinham nenhum vínculo, repleta de tabus que diferiam profundamente dos seus". Nessa perspectiva, construiu-se uma imagem do povo amazônico que predomina até os dias atuais, sendo essa a imagem combatida por esses estudiosos da Amazônia, já que para fugir desse conceito de homogeneização implantada pela narrativa histórica europeia o local passa a ser o fundamento intelectual para a resistência.

2. NARRATIVAS DE VIAGEM E A FORMAÇÃO DO PENSAMENTO SOCIAL AMAZÔNICO

As narrativas de viagem têm um papel de alta importância para entender os discursos que se construíram no período entre os séculos XVI e XIX, sendo fundamentais para estabelecer o imaginário europeu sobre a Amazônia.

No contexto das grandes navegações do século XVI, a expedição de Francisco Orellana e Gonzalo Pizarro teve origem na procura pelo El Dorado e pela Terra da Canela. Partiu de Quito, no Equador, até a foz do Amazonas, resultando no relato de Carvajal que descreve o encontro com as Amazonas, mulheres guerreiras que habitavam essa região e é considerado por muitos como fantasioso. A partir desse momento, a Amazônia tornou-se destino de várias outras expedições que traziam consigo um imaginário pré-concebido acerca da Amazônia. No século XVII, Cristóbal de Acuña acompanhando o português Pedro Teixeira também se aventura pela região a fim de detalhar sua cartografia. Em sua obra **Nuevo Descubrimento Del Gran Río de Las Amazonas**, Acuña relata uma Amazônia ora infernal, ora edênica, uma Amazônia emblemática e fantástica e os nativos da região como verdadeiras monstruosidades antropomórficas.

Já no século XVIII, La Condamine viajou para a Amazônia a serviço da Academia de Ciências de Paris para medir com precisão os meridianos, buscando verificar a veracidade das postulações de Newton. Assim como os viajantes anteriores a ele, registrou minuciosamente a exuberância da floresta amazônica e seus recursos naturais, como peixes, plantas medicinais, minérios e árvores, principalmente a seringueira. Sobre o nativo, escreveu que o termo "índio" era inapropriado para definir o nativo amazônico por causa de sua cor, em contrapartida afirma

que eram glutões, moralmente fracos, covardes, viviam constantemente embriagados, sóbrios apenas quando havia necessidade, inimigos do trabalho, sem ambição por reconhecimento ou glória, não se preocupavam com o futuro, com preocupação apenas com o presente e viviam sempre em meio a brincadeiras infantis com saltos e gargalhadas.

As expedições científicas do século XIX, de cunho naturalista, também partiram de várias partes da Europa a fim de descrever o que se encontrava, além de montar coleções com objetos encontrados nesses novos lugares. Nesse contexto, a Amazônia ganhou destaque tendo seus aspectos sociais, econômicos e políticos detalhados em documentos científicos, deixando de lado os aspectos fantasiosos outrora evidenciados. Os documentos gerados nessas expedições eram reconhecidos como resultados científicos, pois deviam ser utilizados métodos como observação e experimentos para comprovar o que havia sido descrito.

O século XIX traz consigo a racionalidade e a modernidade, fazendo com que na luta de costumes e ideias a Europa fosse a vencedora, pois representava a modernidade que teve grande influência no desenvolvimento da sociedade amazônica resultando em uma história silenciada e em um imaginário construído de forma preconceituosa.

> O acto da descoberta é necessariamente recíproco: quem descobre é também descoberto, e vice-versa. Por que é então tão fácil, em concreto, saber quem é descobridor e quem é descoberto? Porque sendo a descoberta uma relação de poder e de saber, é descobridor quem tem mais poder e mais saber e, com isso, a capacidade para declarar o outro como descoberto. É a desigualdade de poder e de saber que transforma a reciprocidade na descoberta na apropriação do descoberto (Santos, 2006, p. 181).

Podemos pensar, a partir do Boaventura de Souza Santos, que há uma dimensão simbólica nessa relação de descoberta e isso se faz importante para entendermos esse desenvolvimento da representação da Amazônia nessas narrativas da Idade Média que ainda estão presentes até hoje no imaginário amazônico. Para Djalma Batista, em sua obra **O complexo da Amazônia**, os indígenas da região foram os que mais sofreram com o forte impacto cultural resultante do contato com os colonizadores, esse contato trouxe mudanças no trabalho, hábitos alimentares e organização familiar, além da imposição de novas crenças. As sociedades amazônicas apresentam particularidades, como línguas distintas e organizações sociopolíticos e econômicos diversas que foram tratadas pelo europeu como expressões sociais inferiores de sociedades fracas e covardes e uma natureza emblemática.

Tais narrativas estão sendo resgatadas por estudiosos que buscam entender a formação do pensamento social amazônico e a construção dos discursos sobre a Amazônia. Compreender essa construção social a partir das narrativas dos viajantes nos ajuda a entender a representação

da Amazônia na história. Os europeus não tinham interesse pela cultura do povo da terra recém-descoberta e esse desprezo resultava na idealização desses povos, transferindo para eles imagens fantasiosas de figuras monstruosas, Gondim (1994, p. 16) afirma que

> Essas histórias maravilhosas falavam de povos estranhos, grotescos, monstruosos. A natureza não menos fantástica era povoada por animais não menos estranhos: unicórnios passeavam por entre vegetações encantadas, composta por ervas capazes de curar qualquer doença, podendo ser encontradas próximas à fonte da juventude.

Não havia a intenção de compreender ou de preservar a cultura desses povos. Para Pinto (2006), na contemporaneidade, ainda há a presença dessas formulações, na medida em que as sociedades da região ainda são definidas como “bom selvagem” e suas versões mais atuais como “ribeirinhos” e “povos da floresta".

> De uma perspectiva histórica, é natural a existência de uma imagem negativa do homem primitivo, porque o contraste assegurava ao civilizador a confirmação de sua duvidosa superioridade. Os relatos de Colombo e dos viajantes do século XVI eram, portanto, a validação “empírica” de um mito eterno, e nesse sentido a catequese dos indígenas assume ares de uma repetição da Criação (Gambini, 2000, p. 90).

Sabemos que a identidade é construída por meio da absorção do mundo que nos rodeia, dos seres que nos cercam e das nossas experiências. A identidade cultural de um povo está relacionada ao conjunto que compõe a sua produção cultural, religiosa, artística e linguística que seguem alguns padrões criando, assim, um aspecto identitário desse povo. Elementos simbólicos também são associados à identidade e em relação à Amazônia, incorporou-se a ela imagens preconcebidas que ajudaram a forjar o imaginário europeu que já trouxe consigo referências simbólicas que tinham como referência as Índias Orientais.

No que diz respeito à presença de missionários católicos na região, podemos afirmar que a natureza humana dos nativos entra em debate a partir da ideologia cristã, que também é usada para o avanço da conquista mercantilista europeia. Esses nativos são classificados como seres decaídos e pactuados com o diabo, enquanto a natureza é edenizada por sua exuberância, seus nativos são demonizados. Os nativos eram tantos que se sabe que, quando não se conseguia catequizá-los, eram cometidas verdadeiras chacinas contra esses nativos que se negavam a seguir o caminho da cruz.

Esses conceitos generalizados sobre a Amazônia, que a consideram sem história (podemos lembrar do título da obra de Euclides da Cunha - **Terra sem História** que retrata a floresta de forma hiperbólica em suas características, exaltando sua exuberância e sua biodiversidade) e sem permanência humana sobre a qual predomina o conhecimento preconcebido. Dessa forma, com o resgate dessas narrativas busca-se a valorização do sujeito

no processo de conhecimento da região amazônica, ressignificando o papel desse nativo nesse processo histórico, destacando que esse é um processo de construção ideológica, que pressupõe conflitos entre os envolvidos.

3 TRANSCULTURALIDADE NA OBRA DE NEIDE GONDIM

Há muito tempo as culturas deixaram de apresentar uma forma homogênea, atualmente já se admite que as culturas são plurais, diversas e de concepções heterogêneas. Essa contraposição ao que antes se apresentava com abordagens monolíticas, hoje a conhecemos como **transculturalidade,** que caracteriza uma mistura entre culturas distintas indo além da cultura de conceito tradicional.

A palavra **transculturalidade** traduz o processo de encontro dos limites culturais, sendo capaz de eliminar essas fronteiras culturais, o que torna impossível pensarmos em uma sociedade homogênea, em uma consolidação étnica e ainda em delimitação intercultural, como proposto por Johann Gottfried Herder no século 18. Nesse sentido, o conceito de uma única cultura, atualmente, se torna insustentável, por serem as culturas multiculturais, de forma que não é possível uma uniformidade em sua forma intrínseca por apresentarem, cada uma, modos de vida distintos.

A transculturalidade na obra de Gondim nos mostra que as obras literárias podem retratar a história de um povo, revelando características marcantes em sua cultura e identidade. A autora apresenta um estudo aprofundado da influência do imaginário europeu no pensamento social amazônico, que chegou na região amazônica com os primeiros relatos de viajantes e missionários e reverberam até hoje quando o assunto é a região amazônica e seu povo.

Na obra **Simá, Beiradão e Galvez, imperador do Acre,** que é resultado de sua dissertação, Neide Gondim faz uma análise dessas três obras que nomeiam o livro numa perspectiva histórica. A própria autora na introdução da obra expõe a dificuldade que teve em buscar referências aprofundadas sobre o objeto da sua pesquisa, pois nada tinha sido escrito sobre o assunto. Traremos aqui como exemplo a interpretação que Gondim faz da obra **Simá: Romance Histórico no Alto Amazonas,** de Lourenço Amazonas, que foi publicada no mesmo ano em que **O Guarani** de José de Alencar e não recebeu a mesma atenção que a obra do cearense, como afirma Gondim (2011, p. 8)

> A sociedade brasileira, porém, optou por celebrizar o índio alencarino, protótipo europeu, permitindo que se questione como foi tratada pelos romancistas a busca de uma identidade ou de um caráter nacional que integrasse a heterogeneidade regional ao nacional, heterogeneidade por que produto de várias nações indígenas - como base

> regional, e de regionais que migraram durante a conquista, intensificada, sobretudo durante a corrida do ouro negro - a borracha.

A autora questiona a exaltação do índio descrito por Alencar no Romantismo brasileiro, enquanto a obra de Lourenço Amazonas permaneceu por muito tempo apagada da historiografia literária. Ao tratar da obra **Simá: Romance Histórico no Alto Amazonas**, a autora o faz interpretando o comportamento dos personagens, o indígena Marcos/Severo e o português Régis.

A cena que apresenta a ceia de uma família indígena manau, destacando Marcos e sua filha Delfina, ambos educados e polidos pelo contato com colonizadores portugueses. Marcos revela o desejo de casar a filha com alguém que valorizasse o trabalho agrícola, garantindo o futuro da família e evitando o desprezo dos brancos. Durante a conversa, Delfina lembra os feitos heroicos de seus ancestrais contra os espanhóis, enquanto Marcos critica os nativos que adotam costumes militares dos portugueses. Evidencia-se nesse momento a influência da cultura europeia na vida de Marcos/Severo, que adota dois nomes cristãos, Marcos na primeira parte do livro e Severo na segunda parte.

Destaca-se ainda a diferença entre duas classes indígenas: a protegida pelos portugueses, composta por famílias como a de Marcos, e os tapuios, índios aculturados e marginalizados. Gondim (1996) afirma que o narrador, embora inicialmente defenda os indígenas, acaba reforçando a visão colonial ao elogiar os índios que colaboravam com a colonização. Marcos era um dos personagens que demonstram orgulho por apoiar os colonizadores, já que os bens que possuía eram decorrentes da herança dos seus antepassados apoiadores dos brancos.

Vale ressaltar que vários tapuios trabalhavam sob as ordens de Marcos/Severo em atividades como cultivo de plantas, drogas do sertão e pecuária, morando nas propriedades, mas sem detalhes sobre como eram pagos. Além disso, Delfina, que possuía uma aia índia, Xomana, se vê presa à condição de índia, o que a impede de ser aceita pelos brancos. Seu desejo de casar-se com um branco revela sua rejeição à própria raça, o que a condena à exclusão social e à melancolia que leva à sua morte.

Marcos defende a valorização das terras amazônicas e acredita que a agricultura poderia levar à prosperidade e à civilização na região. Contudo, apesar de criticar a visão limitada dos colonizadores, ele reconhece que a proteção portuguesa o ajudou a enriquecer.

Após um ataque de Régis, que rouba seu armazém e abusa de sua filha Delfina, Marcos desaparece com sua família. Reaparece no rio Negro, adotando o nome de Severo, com a criança Simá – que ele considera uma filha – e vivendo entre os Xomana. Transformado por essa

experiência, ele abandona sua misantropia e torna-se um filantropo, entristecendo-se ao ver os indígenas corrompidos pelo contato com os colonizadores. A jornada de Marcos/Severo reflete a transição de um homem que, antes voltado para o comércio e o poder, passa a valorizar a natureza e o bem-estar humano.

Severo hospeda o ex-regatão Régis, agora Diretor dos Índios, sem demonstrar rancor, mesmo após o passado trágico. Ao perceber que Régis tem interesse em se casar com a sua neta Simá, Severo recusa o pedido, mas não revela a verdade sobre a paternidade da jovem, mantendo o segredo do passado. Embora negue o casamento nos moldes europeus, também impede que a união aconteça conforme os costumes indígenas, o que reforça seu distanciamento das tradições tribais.

A transformação de Severo continua a se manifestar. Após retornar da tribo dos Xomana, traz consigo indígenas que passam a trabalhar em seu novo sítio, chamado Remanso. No entanto, eles ocupam posições subalternas, em contraste com os valores comunitários das tribos amazônicas. Severo aceita apoio dos Capitães Generais do Pará, que, por meio da Coroa Portuguesa, incentivam sua produção de anil e café, fortalecendo ainda mais seu vínculo com a estrutura colonial.

Ao renunciar a suas raízes indígenas, Severo adota uma postura individualista e capitalista, distanciando-se da noção de coletividade típica das Nações amazônicas. Sua transformação revela a tensão entre o homem que outrora buscava harmonia com a natureza e o novo proprietário de terras, integrado ao sistema colonial português e moldado pelos valores europeus.

A complexidade desse homem, conhecido por dois nomes, se manifesta em seus comportamentos antagônicos: submisso com o português, autoritário com o índio. Isso é observado na trama, em um momento de revelação: o reconhecimento da filha (Simá) pelo pai (Régis), antes desejada como amante e depois como esposa, revelando um lado mais tranquilo e compreensivo de Marcos/Severo. Por outro lado, diante dos indígenas insurretos, Severo se mostra enérgico e utiliza um linguajar áspero.

Portanto, Marcos/Severo é um personagem paradoxal: embora critique a colonização portuguesa e a elite paraense, recebe favores do poder colonial. Sua subserviência ao branco e sua negação da cultura indígena o destribalizam, fazendo-o perder a identidade e seguindo aqui como exemplo de como a cultura europeia se sobrepôs à cultura nativa da região amazônica.

A mudança de nome simboliza essa contradição: critica o colonizador, mas se mantém leal ao poder. Segundo Gambini (2000, p. 43) “O nome de batismo e a linha reta, enquanto

símbolos de uma atitude apostólica associada a uma vontade férrea que não conhece adaptação a outra realidade além de si mesma, foram as verdadeiras armas psicológicas da conquista “. A elite local, racista, não cumpre a Lei de 1755 que protegia indígenas, mas reconhece Marcos/Severo como agricultor e comerciante útil ao uso da mão de obra indígena, fortalecendo o domínio português. Seu apego à religião católica reflete sua tentativa de se igualar aos brancos.

> O tuxaua e rico comerciante manau, que de Marcos passa a se chamar Severo, sintetiza a busca na própria perda da identidade, justificada pela mudança de nome; o tuxaua Mabbé, por outro lado, representa a preservação da identidade indígena, principalmente ao revelar a hipocrisia subjacente às leis pombalinas do Diretório de Índios, que legalizavam uma igualdade étnica inexistente (Gondim, 2011, p. 7).

A autora realiza uma comparação entre o comportamento do índio Peri, de **O Guarani**, que, “mesmo querendo salvar Cecília das chamas, só recebe o aval do pai D. Antônio de Mariz após o batismo católico, vergando-se ante a lei do branco, origem do caráter nacional, Simá tematiza a busca da identidade e a preservação da cultura autóctone” (Gondim, 2011, p. 7)

Em Marcos/Severo podemos ver uma dedicação à ideia de civilização no modelo europeu, com um aspecto homogeneizador e inflexível ao particular, ao diverso, ao distinto, condenando qualquer prática que não se assemelhe à sua. Nele podemos notar, como a transculturalidade mostra essa condição alterada da cultura amazônica.

Já o personagem Régis, o vilão do romance, é a representação da colonização, sendo ele um regatão (uma espécie de comerciante) e depois Diretor de Índios na Missão de Caboquena, é descrito como oportunista, cínico e superficial, agindo de maneira hipócrita conforme as circunstâncias. Podemos ver de forma clara vemos claramente o papel do regatão na região, que já se percebe como um dos elementos constituintes da cultura amazônica, pois responsável por intermediar o produtor e o consumidor dos centros mais desenvolvidos. Ele contrasta com Loiola, seu amigo e Diretor de Índios, que se destaca pela astúcia, discrição e determinação. Loiola é um defensor ardoroso dos jesuítas, enquanto Régis é limitado e incapaz de formular ideias profundas, evidenciando diferenças ideológicas e estratégicas entre os dois personagens.

Loiola, em uma discussão com um missionário, defende a Companhia de Jesus, destacando seus esforços para educar e “civilizar” os indígenas. O missionário, por outro lado, acusa os jesuítas de manipularem talentos em benefício próprio e de corromperem a inocência indígena ao inseri-los em uma sociedade moralmente viciosa. Gondim evidencia a consciência do embate entre duas culturas, a cultura cristã trazida pelos europeus que também incorporou seus elementos simbólicos no cotidiano dos nativos da Amazônia e a cultura desses nativos.

Frei Raimundo de Santo Eliseu, missionário da Missão de Santa Isabel, vê suas funções reduzidas após a criação do Diretório dos Índios. Conservador, ele critica a independência do Brasil, alegando que o país não possui maturidade política e social para tal, prevendo que levaria mais de cinquenta anos para os brasileiros desenvolverem consciência nacional. Ele defende uma educação limitada e prática, focada no catecismo cristão, que ignora a cultura indígena e perpetua a submissão dos nativos.

O tuxaua Mabbé critica a colonização portuguesa, comparando-a ao treinamento de um papagaio, que apenas imita sem compreender. A catequização, segundo ele, transformou os indígenas em caricaturas da civilização europeia, distantes de suas raízes culturais.

O desfecho trágico reflete as tensões culturais, sociais e políticas da região. Frei Raimundo é morto por flechas disparadas pelos homens de Mabbé, que o confundem com outro padre responsável pela prisão da personagem Simá. Régis morre queimado, após descobrir que Simá era sua filha. Loiola, perseguido por Domingos, comete suicídio ao se jogar no rio Negro. Esses eventos simbolizam o colapso das estruturas de poder e a destruição causada pelos conflitos entre os diferentes grupos sociais e culturais no Alto Amazonas.

Já em **A invenção da Amazônia**, Gondim afirma que a invenção se deu a partir das ideologias trazidas pelos viajantes, que em sua maioria nutriam um olhar preconceituoso com a ideia de que os nativos amazônicos desarmonizavam a ordem social instalada pelo homem branco europeu. Gondim ainda expõe as ideias dominantes sobre a região amazônica. Essas ideias de "vazio demográfico", a indolência do nativo, a exuberância da floresta constituem estereótipos construídos historicamente, inspirados inicialmente pelos relatos de viajantes como Frei Gaspar de Carvajal e de naturalistas como o próprio Euclides da Cunha, que produziram relatos de viagens pela região do século XVI ao século XIX, neles havia descrição de imagens exóticas e fantásticas sobre o chamado Novo Mundo, e isso levaria à criação de diversos mitos sobre a região.

> Contrariamente ao que se possa supor, a Amazônia não foi descoberta, sequer foi construída, na realidade, a invenção da Amazônia se dá a partir da construção da Índia, fabricada pela historiografia greco-romana, pelo relato dos peregrinos, missionários, viajantes e comerciantes (Gondim, 1994, p. 9).

Na Amazônia o impacto do pensamento europeu com a Índia aconteceu de uma só vez, com um embate único de cultura, de raça e de formas de organização social. Entre essas histórias de natureza edênica, feras monstruosas e povos bárbaros, que são carregados de elementos do imaginário do coletivo europeu, podemos destacar a crença na existência do El Dorado e das mulheres guerreiras – as Amazonas.

> Navegando o rio Nhamundá, a expedição é atacada por índios imberbes, de bastas cabeleiras, levando o expedicionário Frei Gaspar de Carvajal a confundi-los com as temíveis Amazonas da tradição clássica grega. Como de forma a homenagear a essas mulheres guerreiras, o rio Orellana passa a ser chamado de o Grande Rio Amazonas (Gondim, 1996, p. 4).

O pensamento europeu emoldura o continente americano, e consequentemente a Amazônia, nos mesmos termos que, em parte, podem ser encontrados no processo de conquista da Índia. Em um primeiro momento, há o deslumbramento com a magnitude do meio natural, em seguida vem uma sensação de sufocamento.

Quando os espanhóis navegaram pelo rio Amazonas pela primeira vez, já trouxeram consigo imagens preconcebidas e as associaram à floresta e seus nativos, incorporando ao imaginário amazônico lendas como a lenda de *El Dorado* que é um dos mitos mais fascinantes da América do Sul. Seu nome, que significa "O Dourado" em espanhol, refere-se originalmente a um governante ou sacerdote coberto de ouro, mas ao longo dos séculos tornou-se associado a uma cidade ou reino repleto de riquezas inimagináveis. Essa narrativa remonta ao século XVI, quando esses conquistadores espanhóis chegaram à América do Sul em busca de ouro e outras riquezas. A lenda teve origem na região da atual Colômbia, mais especificamente entre o povo Muisca, uma civilização indígena que habitava o altiplano cundiboyacense.

Os Muiscas realizavam um ritual sagrado no Lago Guatavita, no qual o cacique, coberto de pó de ouro, entrava nas águas para oferecer tributos aos deuses, incluindo peças de ouro e joias. Esse ritual impressionou os espanhóis e deu início à ideia de um reino onde o ouro era abundante e usado como oferenda divina. Com o passar do tempo, a ideia de El Dorado evoluiu de um ritual específico para um reino inteiro repleto de ouro. A ganância e o desejo de explorar novos territórios levaram os exploradores europeus a buscarem incessantemente essa “cidade de ouro”. Muitos acreditavam que ela estava escondida em algum lugar remoto da América do Sul, em regiões como as selvas amazônicas ou as montanhas dos Andes.

Expedições famosas, como as lideradas por Gonzalo Pizarro e Francisco de Orellana, partiram em busca de El Dorado, enfrentando perigos como doenças, fome e conflitos com povos indígenas. Apesar de nunca encontrarem o reino dourado, essas expedições contribuíram para a exploração do continente sul-americano.

A lenda das Amazonas é uma das mais antigas da humanidade, que descreve um grupo de mulheres guerreiras, destemidas e independentes, vivendo em sociedades exclusivamente femininas, dedicadas à guerra e ao cultivo da liberdade. A história dessas guerreiras tem suas raízes na mitologia grega, mas ganhou novas versões em diferentes culturas, incluindo na América do Sul. Na mitologia grega, as Amazonas eram descritas como uma tribo de mulheres

guerreiras que viviam em regiões remotas, como a Cítia, na Ásia Menor. Elas eram frequentemente associadas a grandes feitos heroicos e batalhas épicas, desafiando as normas patriarcais da época.

De acordo com os mitos, as Amazonas eram filhas de Ares, o deus da guerra, e de Harmonia, uma ninfa da natureza. Elas seguiam uma sociedade matriarcal, onde os homens tinham papéis subordinados ou eram apenas utilizados para a procriação. Algumas histórias sugerem que as Amazonas se automutilavam, removendo o seio direito para facilitar o uso do arco e flecha, embora isso seja amplamente considerado um elemento simbólico.

Por outro lado, a lenda das Amazonas também ganhou destaque na América do Sul, também com a chegada dos exploradores espanhóis no século XVI. O nome "Amazônia" tem suas raízes nesses relatos. Segundo Carvajal, Francisco de Orellana teria enfrentado grupos de mulheres guerreiras durante sua expedição. Inspirado pela mitologia grega, ele batizou o rio em homenagem às lendárias guerreiras. Embora muitos historiadores considerem esses relatos uma interpretação exagerada dos encontros com tribos indígenas lideradas por mulheres ou onde as mulheres desempenhavam papéis militares, a associação entre o mito e a região amazônica permaneceu.

A partir desses exemplos, podemos identificar a transculturalidade na obra de Gondim ao evidenciar os limites entre as culturas envolvidas no processo de formação do pensamento social da Amazônia. Ela mostra que a partir do encontro entre essas culturas, de forma violenta ou pacífica, o imaginário amazônico se constituiu de modo que já não é o mesmo de antes desse contato com o colonizador europeu. Isso é um claro exemplo de que, como já foi dito, as culturas não são únicas, elas são plurais e heterogêneas e a figura do viajante, nada mais é do que uma tradução transcultural, ocupando um lugar que a princípio não foi feito para ele e consequentemente causa reações e resulta em percepções por parte dos nativos muitas vezes não amigáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neide Gondim desempenhou um papel essencial na formação de um pensamento social sobre a Amazônia que busca desconstruir os estereótipos e imagens preconcebidas deixados como herança das narrativas coloniais. Sua trajetória acadêmica evidencia um compromisso com a valorização da identidade amazônica, especialmente ao investigar como a Amazônia foi representada por viajantes europeus desde o período das grandes navegações. A obra de Gondim, assim como a de outros intelectuais influenciados por Octavio Ianni, aponta para um

esforço de resistência intelectual contra o pensamento colonial, defendendo que o estudo da Amazônia deve partir de uma perspectiva local e transcultural, que leve em consideração a complexidade de suas sociedades e o impacto das trocas culturais.

O conceito de transculturalidade é central para compreender as análises realizadas por Gondim. A autora demonstra que o pensamento social sobre a Amazônia não pode ser elaborado isoladamente, mas como um resultado de processos de contato e troca cultural entre europeus e povos nativos, marcados, porém, por relações desiguais de poder. Esse encontro transcultural, embora muitas vezes violento e impositivo, resultou em uma série de discursos que foram incorporados ao imaginário amazônico, influenciando nas maneiras pelas quais a região é vista até os dias atuais. Gondim problematiza essa construção, mostrando como os relatos dos viajantes europeus foram fundamentais para consolidar uma visão da Amazônia como um território fantástico, exótico e primitivo, destinado à exploração e à catequização.

Ao longo dos séculos XVI ao XIX, as narrativas de viagem refletiram um pensamento social que desconsiderava a complexidade cultural das sociedades amazônicas. Gondim destaca que essas narrativas projetaram na Amazônia os interesses europeus, ignorando as particularidades locais e transformando os nativos em figuras grotescas ou idealizadas, desprovidas de protagonismo. Esse processo de desumanização, fruto de uma lógica transcultural colonial, serviu para justificar tanto a exploração econômica quanto a imposição de valores europeus, apagando as vozes dos povos originários e reforçando uma narrativa de superioridade ocidental.

No entanto, Gondim propõe uma ruptura com essa visão ao valorizar a construção de um pensamento social amazônico que seja fruto da experiência local. Ela aponta que o conhecimento sobre a Amazônia precisa ser elaborado a partir de dentro, reconhecendo a diversidade sociocultural da região e rejeitando as simplificações impostas pelas narrativas coloniais. Para isso, é essencial incorporar a transculturalidade como chave analítica, considerando tanto as influências externas quanto as formas de resistência e reinvenção cultural dos povos amazônicos.

Ao desconstruir os discursos históricos que moldaram o imaginário sobre a Amazônia, Neide Gondim contribuiu para a formação de um pensamento social que valoriza a pluralidade cultural e a complexidade identitária da região. Sua obra evidencia que compreender a Amazônia requer mais do que a mera observação de suas riquezas naturais ou o registro de costumes exóticos; é necessário entender como esses discursos foram construídos, quem os produziu e a quais interesses eles serviram. A partir dessa perspectiva crítica e transcultural,

torna-se possível criar um pensamento social sobre a Amazônia, que não apenas resgate as vozes silenciadas, mas também ofereça novas possibilidades de resistência e valorização das culturas locais.

Gondim, portanto, destaca que a Amazônia não é apenas um espaço geográfico a ser explorado, mas um território simbólico em disputa, cuja identidade foi historicamente construída por olhares externos. Reconhecer a transculturalidade como parte desse processo é fundamental para romper com os estereótipos coloniais e afirmar a riqueza sociocultural da região. A construção de um pensamento social amazônico implica resgatar a história de seus povos, suas tradições e suas resistências, promovendo uma visão mais justa e plural da Amazônia no contexto contemporâneo.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. **O Guarani.** 20. ed. São Paulo: Ática, 1996.

AMAZONAS, Lourenço. **Simá:** romance histórico do Alto Amazonas. 3.ed. Manaus: Valer, 2011.

BATISTA, Djalma. **O complexo da Amazônia***:* análise do processo de desenvolvimento**.** 2ª ed. Manaus: Editora Valer/ EDUA/ Inpa, 2007.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CUNHA, Euclides. **Amazônia:** Terra sem História. Manaus: Valer, 2014.

GAMBINI, Roberto. **Espelho Índio**: a formação da alma brasileira. São Paulo: Axis Mundi: Terceiro Nome, 2000.

GONDIM, Neide. Apresentação. *In.* AMAZONAS, Lourenço. **Simá***:* Romance Histórico no Alto Amazonas. 3. Ed. Manaus: Valer, 2011.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia.** São Paulo: Marco Zero, 1994.

GONDIM, Neide**. *Simá, Beiradão e Galvez, imperador do Acre***. Manaus: EDUA, 1996.

MUNARO, L. F. A Amazônia e a fundação do Brasil na obra Simá (1857) de Lourenço da Silva Amazonas. **Intellèctus**, 2020, p. 219–246. https://doi.org/10.12957/intellectus.2020.47785

PINTO, Renan Freitas. **Viagem das ideias**. Manaus: Editora Valer/Prefeitura de Manaus, 2006.

SANTOS, Boaventura de Souza. Parte II – a construção dos Estados pós-coloniais. *In:* SANTOS, Boaventura de Souza. **A gramática do tempo**: por uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.

TELLES, Tenório. Simá – um romance sobre a Amazônia. *In:* AMAZONAS, Lourenço. **Simá:** Romance Histórico no Alto Amazonas. 3. Ed. Manaus: Valer, 2011.

WEISSMANN, Lisette. Multiculturalidade, transculturalidade, interculturalidade. **Constr. psicopedag**., São Paulo, v. 26, n. 27, p. 21-36, 2018. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542018000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 06 jan. 2025.

Recebido/ Received: 23/01/2025
Aceito/ Accepted: 12/02/2025
Publicado/ Published: 03/03/2025